

# Debate A forma de luta do MST

Como você avalia as recentes ações do Movimento dos Sem-Terra (MST), no país, incluindo até atos polêmicos e de grande repercussão, como a destruição de uma estação de pesquisa da Aracruz Celulose, no Rio Grande do Sul?

## A favor

**JOSÉ CARLOS PIGATTI**  
Presidente da Central Única dos Trabalhadores no Espírito Santo - CUT/ES

## Contra

**JULIO DA SILVA ROCHA JUNIOR**  
Engenheiro agrônomo, presidente em exercício da Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo (Faes)

## Estratégia de luta

A ocupação de trabalhadoras e trabalhadores sem-terra de um horto florestal no Rio Grande do Sul, no último 8 de março, ganhou repercussão na imprensa como “ato de terrorismo” e “vandalismo”. Tais adjetivos, exaustivamente aplicados ao ato, não se justificam.

O MST é um movimento conhecido internacionalmente pela luta por reforma agrária, num país que tem no latifúndio improdutivo um dos pilares de sua concentração de renda e de poder. O MST é o maior movimento social conhecido na atualidade, e isso se deve ao alto nível de organização que conseguiu desenvolver junto a seus integrantes, bem como à constante interlocução que mantém com movimentos sociais urbanos nacionais e internacionais.

Suas estratégias de luta são definidas coletivamente, respeitando seu grau de organização. De forma que jamais um movimento social da envergadura do MST partiria para atos de “terrorismo” ou de “vandalismo”.

Dentro das estratégias de luta está a questão da visibilidade para as ações na luta pela efetivação da reforma agrária. Visibilidade que lhe é negada justamente pelos interesses que tentam criminalizá-lo e taxá-lo de subversivo. Talvez devido a esse excessivo “zelo” editorial em chamar de “criminosos” trabalhadores que lutam por sua terra, e a forma ostensiva como essa visão é colocada para a sociedade, encontra-se junto à essa sociedade a desaprovção ao que foi feito.

A CUT/ES entende a manifestação no sul do país como um chamado aos governos estaduais, federal e empresários, para que acelerem processos de reforma agrária, que coloquem o tema em pauta de prioridades, valorizando a agricultura familiar e o trabalho do homem no campo. Qualquer excesso deve ser apurado. O que não podemos aceitar de forma alguma é a condenação imposta de antemão por editoriais e visões políticas claramente indispostas ao MST e sua luta histórica pela Reforma Agrária, que alimentam o noticiário nacional. O que significam algumas mudas de plantas ante os séculos de sofrimento na luta por justiça. Quem está sem terra, sem emprego e sem direitos precisa gritar, e não podemos reprovar a forma do grito, mas antes apoiar a justa causa de sua luta histórica.

## Já passou da hora de punir

As últimas ações do MST atestam desespero, porque não estão mais conseguindo iludir a opinião pública. Caiu a máscara. A conquista da terra nunca foi o seu objetivo. Sempre foi um meio para se alcançar o objetivo real; que é o poder, pela instalação da insegurança no campo, para se estrangular a produção.

A verdade aflora, quando são avaliados os assentamentos rurais existentes, constatando-se que, apesar de toda a ajuda do poder público, como cestas básicas, recursos a fundo perdido, assistência técnica e apoio logístico - digase de passagem, nunca concedidos aos produtores tradicionais instalados no campo -, os assentamentos não alcançaram sua emancipação.

Patrimônio físico, desde há muito, deixou de significar riqueza, que atualmente é sinônimo de informação e conhecimento, que devem ser compartilhados.

Aos inocentes úteis, usados como massa de manobra pelo MST, não está faltando terra, porque não são do setor, faltam conhecimentos, surrupiados principalmente por suas lideranças, que usam seu estoque cultural a serviço do mal.

As ações de vandalismo praticadas no Rio Grande do Sul, onde foram destruídos 20 anos de trabalho exitoso de uma Estação de Pesquisa, seqüenciadas de declarações da liderança do mal, é uma prova cabal dessa triste realidade. Promove-se o atraso, amplia-se o sofrimento na cidade e no campo, diminuindo-se os empregos, o dinheiro, a saúde, a segurança, a educação, enfim, todos os horizontes.

Queremos que os novos agricultores, incorporados ao setor pela reforma agrária, sejam produtores vencedores, e não que venham aumentar o contingente de desamparados que o campo já abriga.

Podemos e devemos construir uma agropecuária forte, para benefício de todos os brasileiros. Para tanto, só precisamos que o governo não nos atrapalhe.

Já passou muito da hora; que o Governo demonstre pelo menos autoridade, começando por punir os reais e principais responsáveis pelas repetidas agressões ao Estado de Direito.

Em um país sério, podemos ter absoluta certeza, não seriam permitidos fatos dessa natureza.